



## Um papo sério sobre corpo, gênero e sexualidade sob uma perspectiva interdisciplinar

Anna Carolina de Oliveira Mendes<sup>a</sup>, Amanda Perse da Silva<sup>b</sup>, Vanessa Cardeal Jorge Lando<sup>c</sup>, Mariana Alves Prazeres Santos<sup>d</sup>, Maria de Fátima Alves de Oliveira<sup>e</sup>

<sup>a</sup>Professora EBTT do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - campus Caçador, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências (EBS – Fiocruz/RJ)

<sup>b</sup>Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Pesquisadora visitante do Laboratório de Virologia molecular – Fiocruz/RJ

<sup>c</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ)

<sup>d</sup>Docente da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC - RJ)

<sup>e</sup>Laboratório de Avaliação em Ensino de Filosofia das Biociências (Laefib – IOC – Fiocruz/RJ), Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências (EBS – Fiocruz/RJ)

### ARTICLE INFO

**Recebido:** 12 de março de 2018

**Aceito:** 30 de março de 2018

**Disponível on-line:** 01 de maio de 2018

**Palavras chave:** Interdisciplinaridade corpo, gênero, sexualidade.

**Key-words:** Interdisciplinarity, Body, gender, sexuality

**E-mail:**

mendesaco@yahoo.com.br  
amandaperse@gmail.com  
vanessacardeal@yahoo.com.br  
mariana.alves.ps@gmail.com  
bio\_alves@yahoo.com.br

ISSN 2007-9842

© 2018 Institute of Science Education.  
All rights reserved

### ABSTRACT

There are many different definitions for body, gender and sexuality. Within their multiplicity, they may be studied either together or separated. In doing so, such definitions lead to limitations due to the necessary categorisations made to facilitate studies on the referred topics. Equally important, concepts' deconstruction, which, to a certain extent put aside socially discriminated groups, has been gaining room on academic discussion. Because of that, there has been a growth in the number of studies which involve this topic. With this purpose, this interdisciplinary study aimed at identifying how a group of high school students defined the topic at the same time it plays a central role in help understanding such topic. It was descriptive study with a qualitative approach, carried out with a group of 44 students of a state high school in the city of Nova Iguaçu, within the metropolitan area of Rio de Janeiro city. The study involved the following school subjects: Biology, Sociology, Portuguese, Life Project and Physical Education. In order to collect data, a 43-question semi structured form was developed. Such questions referred to students' socio-demographic profile, as well as specific piece of information on the topic. Data analysis has revealed the average age ranged between 15-17 years old, where 75% of them were female and 25% were male. 48% of them reported having suffered any form of prejudice. Data appreciation led to the conclusion that the topics' interdisciplinary approach has fostered learning among participant teachers and students alike.

Concepções de corpo, gênero e sexualidade são diversas e podem, dentro de sua multiplicidade, ser estudadas de forma conjunta ou separada. Nesse caso, tais concepções implicam em limitações devido às categorizações necessárias para facilitar o estudo dos temas em questão. Outrossim, a desconstrução de conceitos – que de certa maneira colocam à margem grupos socialmente discriminados – têm ganhado destaque nos meios acadêmicos e, conseqüentemente, cresce o número de projetos que envolvem essa temática. Sendo assim, o objetivo desse projeto interdisciplinar foi identificar as concepções de um grupo de alunos de Ensino Médio sobre o tema e a sua contribuição para a apreensão do conteúdo. Este estudo é descritivo com abordagem qualitativa, e fora realizado com um grupo de 44 alunos em uma escola pública de Ensino Médio Integral, situada no Município de Nova Iguaçu, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. O projeto, englobou as seguintes disciplinas: Biologia, Sociologia, Língua Portuguesa, Projeto de Vida e Educação Física. Como instrumento de coleta de dados foi escolhido um questionário semiestruturado, contendo 43 questões relacionadas ao perfil sociodemográfico e conhecimentos específicos sobre o tema. A análise dos questionários revelou que a média de idade do grupo variou entre 15 a 17 anos, 75% do sexo feminino e 25% masculino, dentre os quais 48% do total reportaram já ter sofrido algum tipo de preconceito. A apreciação dos resultados nos fez concluir que a

---

abordagem desse tópico no ambiente escolar, com um viés interdisciplinar, fomentou o aprendizado entre os discentes e docentes participantes.

---

## I. INTRODUÇÃO

As concepções de corpo, gênero e sexualidade são diversas e podem, dentro de sua multiplicidade, ser estudadas de forma conjunta ou separada. Nesse caso, tais concepções implicam em limitações devido às categorizações necessárias para facilitar o estudo dos temas em questão (Bastos, 2016).

Outrossim, a desconstrução de conceitos – que de certa maneira colocam à margem grupos socialmente discriminados – têm ganhado destaque nos meios acadêmicos e, conseqüentemente, crescem o número de projetos que envolvem essa temática, partindo de premissas que instiguem – e promovam – a inclusão que esses estudos têm proporcionado.

Um tópico recorrente quando se estuda a sexualidade é denominado “diversidade sexual”, o qual virou tópico recorrente de diversos meios de comunicação. É um tema amplo e discorrido também no campo das Ciências Sociais, pois busca à consolidação de uma cultura que preze o respeito e a tolerância à diversidade, seja ela de orientação sexual ou de identidade de gênero. Nesse contexto, no Brasil, a escola tem sido historicamente entendida como um espaço de educação formal, responsável pela promoção de debates, elaboração de projetos e afins a partir de valores e padrões de conduta por ela transmitidos e produzidos (De Cicco, 2016).

De acordo com Louro (1998), muitas das relações pedagógicas vivenciadas na escola estão repletas de simbolizações por meio das quais crianças e adolescentes aprendem normas, conteúdos, valores e significados, constroem e reconstróem conceitos que lhes proporcionam uma forma de interação e de condução de ações de acordo com o gênero. A escola e os professores, portanto, devem valorizar ações de socialização e de amizade para entender o desenvolvimento do aluno e acompanhar a evolução dos mesmos, não se pautando tão apenas no currículo, mas trabalhando a psicologia transacional, a qual estimula os alunos se colocarem no lugar dos outros.

O que se vê atualmente, ao falarmos de currículo, é o conjunto de informações sequenciadas que estabelecem um grupo de exigências acadêmicas, que “todo” aluno deve aprender para terminar com sucesso o curso e que essas ações os levariam ao “sucesso na vida pós-escola”. Nesse momento, não é possível perceber como esse sistema limita, modela. Felizmente, para o movimento de educação inclusiva, tal modelo de currículo está sendo cada vez mais rejeitado e sendo pensado como um campo aberto à diversidade. É preciso lembrar que a noção de diversidade remete-nos às diferentes formas de se aprender os conteúdos.

Sendo a sociedade extremamente complexa, a não adequação dos modelos tradicionais de currículo à diversidade ignora não só as experiências vividas pelos educandos como também a percepção de que esse formato de currículo é tedioso, pois não contempla nada de sua realidade, não contextualiza e não os insere.

A ideia de conduzir um projeto de pesquisa sobre corpo, gênero e sexualidade, trabalhado na perspectiva tanto de inclusão como de conscientização, deu-se pela percepção do nosso grupo de que, com certa regularidade, é o próprio corpo docente que propaga condutas e juízos preconceituosos com os discentes de sexualidade distinta da hegemônica, ou, como citado por Junqueira (2013, p.1) utilizando a pedagogia do Armário:

*Pedagogia do armário é o conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos e diferenças que o currículo constrói sob a égide das normas de gênero e da matriz heterossexual.*

Nesse sentido, fora elaborado um projeto interdisciplinar que conseguisse transpassar as barreiras das disciplinas, mesclando esse tema com momentos lúdicos e de debates, proporcionando aos alunos aquisição de um maior conhecimento sobre o assunto. Não obstante lembrar que, tendo esse conhecimento sido apreendido por esse grupo de alunos, ele será multiplicado para sua rede de apoio (comunidade, família, amigos), fomentando assim uma ampliação no grau de apropriação do assunto, colaborando para a criação de novas perspectivas e também para a diminuição dos preconceitos facilmente detectados na sociedade.

Sabe-se que o desenvolvimento de estratégias, como o uso de atividades diversificadas com o intuito de promover a interação e as habilidades cognitivas dos estudantes, poderá estimular a reflexão, a desconstrução de preconceitos, assim como novas percepções da realidade ao qual estão inseridos, mesmo que a longo prazo, além de possibilitar a cooperação entre os estudantes. Sendo assim, o objetivo desse projeto interdisciplinar foi identificar as concepções de um grupo de alunos de Ensino Médio sobre o tema e a sua contribuição para a apreensão do conteúdo.

## II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa fora desenvolvida com um grupo de 44 alunos do Ensino Médio Integral de uma escola Pública do Rio de Janeiro localizada no município de Nova Iguaçu, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, após a realização de uma etapa prévia de inscrições que foram abertas com um mês de antecedência. O questionário utilizado na coleta de dados apresentava 43 questões, das quais 30 fechadas e 13 abertas, sendo que no presente trabalho de pesquisa apresentamos um recorte onde foram analisadas 12 questões fechadas e 1 aberta.

O projeto, cujo viés foi interdisciplinar, começou a ser idealizado seis meses antes da data de culminância – 10/10/2017 – e englobou as seguintes disciplinas: Biologia, Sociologia, Língua Portuguesa, Projeto de Vida e Educação Física. Ao longo dos seis meses de preparo, foram realizadas reuniões semanais em que as atividades e os momentos foram cuidadosamente escolhidos e os limites disciplinares transpassados. As atividades realizadas foram as seguintes: 1– Mesa Redonda, 2– Brincadeira da Flecha, 3– Cremilda e Florestina duas bolas e seu papel na nossa vida, 4 – É fácil tocar o outro? e 5– Prática Sensorial.

As atividades demoravam em média 30 minutos, todas ocorreram de forma simultânea, com os grupos percorrendo 4 das atividades. A única atividade que reuniu todos os 44 participantes fora a primeira (mesa redonda).

### II.1 Breve descrição das atividades:

#### 1. Mesa Redonda

Nesse momento, três pessoas se apresentaram. A primeira delas, Professora de Língua Portuguesa (figura 1) e graduada em Psicologia. A mesma abordou a temática sexualidade sob um viés histórico, propondo reflexões acerca das curiosidades da nossa sociedade sobre o assunto em seus diversos momentos da História. A segunda, de Sociologia, conduziu seus momentos sempre em busca de alguns objetivos, dentre eles: promover reflexão sobre as desigualdades que estão presentes na sociedade, compreendendo a realidade de grupos minoritários; explicar o que são grupos minoritários e elucidar como os fatores atingem os grupos minoritários/de vulneráveis. Já a terceira, de Biologia, buscou apresentar os conteúdos de corpo, gênero e sexualidade apresentando as diferenças em um cromossomo, alguns níveis químicos (hormônios) e o tamanho dos gametas. Nos minutos de sua fala, a professora demonstrou que existem uma gama de ciências que explicam o comportamento dos indivíduos, bem como um conjunto possibilidades de rearranjos cromossômiais diferentes de XX e XY (comumente utilizados para nomear “macho” e “fêmea”).



**Figura 1:** Mesa Redonda: na foto a professora de Língua Portuguesa na sua fala.

## 2. Brincadeira da Flecha

Nessa atividade, amplamente utilizada para motivar grandes grupos, os alunos tinham que bater a palma da mão e mandar uma flecha para um colega, fazendo movimentos de “pá” com a mão e “pum” com o pé. No decorrer da atividade, os alunos eram levados a refletir com perguntas como: “Onde está o corpo?”, “É esse corpo que vocês carregam?”. O Professor de Educação Física, responsável pela condução da dinâmica fez os jovens perceberem, na conexão entre corpo e mente, que é possível evitar a fragmentação de suas partes, trabalhando e sentindo todos os movimentos.

## 3. Cremilda e Florestina: duas bolas e seu papel na nossa vida

Dinâmica conduzida pelo professor de Educação Física e Pela Professora de Projeto de Vida, em que os alunos foram dispostos em um círculo juntamente com duas bolas. Uma delas, Cremilda, representava uma menina alegre que contagiava a todos e a outra, Florestina, representava uma menina triste. Os alunos deveriam pegar a bola e sentir, por alguns momentos, esses sentimentos e começar a perceber que tristeza e alegria, além de andarem juntas, sempre interferem no funcionamento do corpo.

## 4. É fácil tocar o outro?

Essa atividade dispôs os participantes em duplas (figura 2). Eles receberam instruções claras que deveriam se sentar de frente para o outro e ficar olhando no olho do outro. A segunda instrução foi que, por meio de gestos carinhosos, tocassem o rosto do par, sentindo e percebendo o toque. No início era nítido o constrangimento que aos poucos foi sendo rompido.



**Figura 2:** Alunos sentados um em frente ao outro se olhando e tocando rostos

## 5. Prática sensorial

Nesse momento, os alunos tiveram seus olhos vendados e foram organizados em uma fila e cada participante deveria colocar a mão no ombro do aluno à sua frente. Ao entrar na sala onde a prática estava sendo realizada, cada aluno recebia a companhia de um monitor-guia que o acompanharia até o final da atividade. Nessa sala, os alunos passavam por um circuito sensorial em que sabores eram experimentados (em um momento anterior à culminância, foi verificada a existência de alergias e ou intolerâncias alimentares). Dentre os sabores pode-se listar atum, doce de leite, chocolate. Além disso, ouviam sons produzidos com um sapo de madeira, imitando o coxar do animal, e o batuque pandeiro. O tato foi trabalhado com lixas e bolinhas de gel que crescem na água. A atividade trabalhou a confiança no outro diante do desconhecido, assim como o conhecimento das sensações do corpo (figura 3).



**Figura 3:** Momentos da prática sensorial

Para análise e interpretação dos dados foi utilizado o método quantitativo nas questões objetivas e o método qualitativo em uma questão (12<sup>a</sup>. pergunta do questionário). O método quantitativo, após a tabulação dos dados, a análise ocorreu a partir da frequência das respostas dadas a cada questão, onde os resultados são apresentados em percentuais ao longo do texto e/ou na forma de gráficos. Já no método qualitativo, elegemos a metodologia da Tematização de Fontoura (2011). Por essa ótica de análise procura-se representar os sujeitos com as suas subjetividades e por isso torna-se imprescindível que o pesquisador “relate os procedimentos a seus leitores de forma clara, para que entendam os processos de escolha e de análise” (Fontoura, 2011).

Fontoura (2011, p. 71) descreve, passo a passo, o que utiliza como orientação na organização das informações coletadas:

1. Leitura atenta de todo o material;
2. Demarcação do que será considerado importante, delimitação do corpus de análise, iniciando pelo recorte das unidades de registro, que podem ser palavras, frases e/ou ideias;
3. Levantamento dos temas a partir do agrupamento das unidades de registro e do que se quer evidenciar na pesquisa;
4. Definição das unidades de contexto - trechos mais longos e apresentados conforme aparecem no texto, tendo como objetivo justificar a escolha do tema e auxiliar na compreensão dos mesmos;
5. Separação das unidades de contexto;
6. Interpretação dos dados à luz dos referenciais teóricos.

Tais etapas de análise foram aplicadas aos dados coletados nas questões abertas do questionário utilizado com os estudantes. Para este trabalho utilizamos essa análise apenas na questão 12.

### III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários revelou que a média de idade do grupo variou entre 15 a 17 anos, todos regularmente matriculados no Ensino Médio. O questionário elaborado pelos professores participantes do projeto foi validado previamente com um grupo de 10 alunos em data anterior ao evento. O mesmo apresentava perguntas sócio-demográficas, além de outras sobre o tema do projeto. A primeira pergunta buscava saber quantas pessoas compunham o núcleo familiar deles. Nesse cenário, 23 alunos (52%) apontaram viver com uma a três pessoas, enquanto que os demais, 21 (48%), afirmaram viver com quatro a sete pessoas. A segunda e a terceira pergunta investigavam as condições da moradia dos mesmos. Foi observado que 84% dos alunos alegaram morar em uma casa própria. No que concerne à

localização, 98% deles alegaram morar em zona urbana. A quarta pergunta investigava o tempo de deslocamento entre a moradia dos alunos e a unidade escolar onde fora realizada a pesquisa em questão. Grande parte deles, 41%, demora em torno de 10 a 15 minutos de deslocamento, enquanto que 30% gasta apenas 10 minutos, 16% entre 15 a 20 minutos, 2% entre 20 a 30 minutos, 7% entre 30 a 45 minutos e 4% não respondeu.

Ao serem perguntados, na quinta questão, com quem moravam, 68% dos alunos responderam morar com pai e mãe, 2% com o pai, 23% com a mãe, 2% com avós e 5% com outros parentes. Ao serem questionados, na sexta questão, a respeito do nível de escolaridade do responsável, observamos que apenas 2% possuía mestrado, 9% dos responsáveis apresentava superior completo, 2% superior incompleto, 39% apresentavam médio completo e 36% o médio incompleto, enquanto 5% apresentavam fundamental completo e 7% fundamental incompleto.

O aprendizado e o conseqüente sucesso escolar tem dependido em muitos fatores, do suporte direto e sistemático do núcleo familiar (na maioria das vezes, a mãe, o que ainda nos remete a uma abordagem de gênero), contrabalançando tanto os bloqueios individuais quanto as deficiências escolares (Carvalho, 2004). Pode-se dizer que a família dotada de recursos econômicos e culturais, dentre eles o “tempo livre”, e o nível de escolarização dos pais – expressos no conceito de “Capital Cultural”, de Bourdieu (1987) – conseguirá acompanhar mais de perto seu filho e produzirá melhores efeitos no cunho educacional. Ao observar o conceito de Bourdieu, sabe-se que famílias dotadas do Capital Cultural tendem a incentivar seus filhos a estudarem e a se apropriarem de novos conhecimentos e a reduzir seus preconceitos.

Ao serem questionados, na sétima pergunta, se eles possuíam alguma atividade além de estudar, 80% alegou ajudar nas tarefas domésticas e 14% alegou não ter ocupação, 2% alegou trabalhar com ocupação informal, 2% marcou a opção outras ocupações e 2% não respondeu. Os alicerces e o funcionamento das famílias na sociedade atual têm sofrido muitas modificações, o contexto sociocultural torna-se uma medida importante no que tange à compreensão das dinâmicas familiares nos dias de hoje. Sendo assim, ao observar pais que trabalham cargas horárias extensas para aumentar os proventos (Cassarín, 2007) e, conseqüentemente, com uma sobrecarga de trabalhos domésticos, com os filhos ajudando e se familiarizando com as questões que norteiam seu núcleo familiar, tende-se a se criar jovens mais comprometidos com seu contexto.

Ao serem indagados, na oitava questão, a respeito da definição quanto ao seu sexo, 75% se definiu como mulher, e 25% como homem. Já na nona questão, ao responderem como se definem quanto à sua identidade de gênero, pudemos observar que 66% se definiu como feminino, 20% masculino, 2% transgênero, 5% disse não aceitar essa categorização e 7% optou por não responder a questão. Quando indagados sobre sua identificação sexual, 73% disse ser heterossexual, 5% homossexual, 20% bissexual e 2% não sabe ou não respondeu.

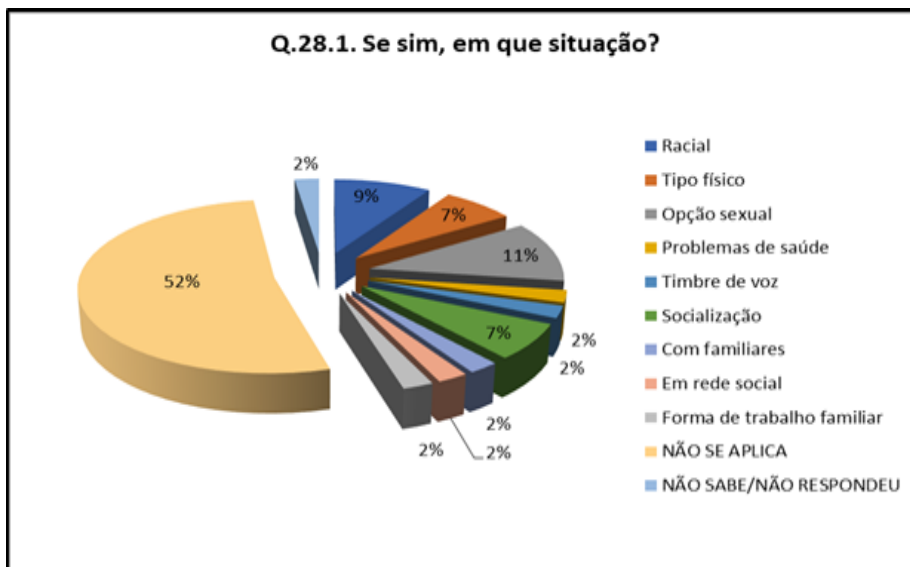
A sexualidade é considerada uma influência na vida humana e engloba o sexo, gênero, identidade, papéis e orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Para os adolescentes em sua fase de explorações, a descoberta de sua sexualidade é influenciada pelas relações de poder, questões de gênero, valores, culturas, comportamentos e outros modelos da sociedade (Campos, 2013).

O adolescente expressa seu ponto de vista sobre gênero baseado no contexto social e político no qual está inserido. É importante ele saber que a família, contexto religioso, mídia, comunidade, tudo isso exerce influência nas suas ideologias, o que pode ser incorporado por eles e/ou modificado pelas suas vivências pessoais (Bardini, 2012). Nosso estudo observou que 68% dos alunos moram com pai e mãe e, ao serem questionados pela identificação de sua sexualidade, 73% se classifica como heterossexual. Não foi realizada análise estatística para verificar a significância dos dados, mas foi algo que nos chamou atenção.

A décima primeira questão pedia aos alunos que se definissem em relação à raça. Assim, 20% responderam preto, 39% pardos, 30% brancos, 2% outro e 5% amarelo e 5% não souberam ou não quiseram responder. O que pode ser observado ao analisar os respondentes do questionário é que, devido ao quadro de exclusão e injustiça social, negros e negras em muitos momentos buscam formas de se inserir dentro do contexto social vigente para conquistarem seu espaço. Nesse momento, muitos abrem mão de sua cor e se classificam em outras nuances como forma de negar a condição de negro e diminuir os possíveis preconceitos (Nicodemos, 2014).

Ao falar de preconceito, a décima segunda questão trouxe esse viés, e questionou se algum dos alunos já sofrera algum tipo de preconceito. Com isso, 48% alegou já ter sofrido preconceito, 50% alegou não ter sofrido preconceito e

2% não soube ou não quis responder. Como complemento da pergunta, foi pedido para que descrevessem os tipos de preconceito sofridos, as respostas obtidas foram analisadas e categorizadas segundo Fontoura (2011), e as respectivas categorias são apresentadas no gráfico abaixo (gráfico 1).



**Gráfico 1:** Tipos de preconceito sofrido pelos alunos

Gordon Allport (1954/1979), em sua obra clássica intitulada *The nature of prejudice*, relatou algo muito interessante, o homem não nasce preconceituoso, ele torna-se preconceituoso, segundo Allport (1979, p.1) o preconceito é: “...um sentimento ou atitude hostil direcionada para uma pessoa só porque ele ou ela pertence a um grupo ao qual se atribuiu qualidades questionáveis. É uma antipatia baseada em generalização falha e inflexível ou estereótipos (...)”. Para o adolescente, estar fora do que considera “normal” o coloca em uma posição frágil diante do sistema em que vemos adolescentes que se julgam “melhores” e, com isso, se incumbem de segregar e também de categorizar os ditos “piores”, sob a simples motivação de o jovem não atender aos padrões culturais historicamente estabelecidos (DE MAGALHÃES, 2014) sejam eles de raça, gênero, tipo físico, histórico familiar, entre outras, etc.

A décima terceira pergunta, questionou a opinião dos discentes a respeito da abordagem dos conteúdos de corpo, gênero e sexualidade nas escolas, com as opções de respostas sendo apresentadas em escala Lickert. Nesse sentido, 4,5% discordou totalmente, 2,3% discordou parcialmente, 45,5% concordou totalmente, 27,3% apenas concordou, 18,2% concordou parcialmente e 2,3% não souberam responder. Abordar questões de gênero e sexualidade entre adolescentes na escola é fundamental para proporcionar um entendimento das relações estabelecidas e como isso pode ser refletido na vivência de sua sexualidade, na contracepção e na construção de suas identidades. Muitos apresentam dúvidas a esse respeito, e por não encontrarem espaços onde possam debater acabam por contrair-se, deparar com casos de gravidez e ou contágio de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) (Amaral,2017).

#### IV. CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados neste trabalho, pode-se entender que a abordagem da temática corpo, gênero e sexualidade no ambiente escolar, com um viés interdisciplinar, fomentou o aprendizado entre os discentes e docentes participantes do dia de atividade. Outrossim, é sabido que a realização de projetos com oficinas e debates colaboram para a transformação do imaginário dos alunos sobre o assunto e estimulam a reflexão, a desconstrução de preconceitos, assim como novas percepções da realidade ao qual estão inseridos (NASPOLINI, 2017).

Em face às respostas apresentadas, conclui-se que os alunos, todos adolescentes, confundem-se um

pouco com a temática corpo, gênero e sexualidade. Ao serem questionados sobre definição do seu sexo, sua identidade de gênero e sua opção sexual os mesmos apresentaram-se confusos no início das atividades. Como já dito ao longo do nosso trabalho, o contexto social onde estão inseridos os alunos influencia nas concepções apreendidas pelos mesmos e, diante de uma padronização de comportamentos ditos esperados para meninas e para meninos, os adolescentes crescem seguidos por um estigma social de se comportarem como a sociedade espera que eles se comportem.

Por fim, acredita-se que os adolescentes participantes do estudo já tenham sido vítimas de preconceito, seja ele por raça, gênero, religião, posição social ou outros. E, para a redução desse preconceito na sociedade, faz-se mister existir um empoderamento desses jovens, uma vez que é nessa fase que se dá a construção de sua personalidade. Parte desse empoderamento vem do conhecimento obtido dentro das unidades escolares e também com a conscientização das famílias. Sabe-se que os ambientes escolares são espaços ricos em possibilidades e multiplicidades inerentes às relações humanas, e dentro desse cenário está o assunto do trabalho em questão, que é visto como um tema recorrente e que sempre traz momentos conflitantes e enfrentamentos entre os discentes e os docentes.

#### IV. REFERÊNCIAS

- Allport, G.W. *The nature of prejudice*. Reading, MA. EUA. Ed. Addison-Wesley Publishing. 1954/1979.
- Amaral, A.M.S. et al. *Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa*. Revista Enfermagem Contemporânea, Salvador. v.6, n.1, p.62-67. 2017.
- Bastos, F.; Andrade, M. *Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos x: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências*. Diversidade e Educação, Rio Grande. Furg, 4, p.56-64, (2016).
- Bordini, G.S.; Sperb, T.M.. *Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre. 25, p.738-746. (2012).
- Bourdieu, P. *Os três estados do capital cultural*. Tradução de Magali de Castro. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris. p.3-6. 1979.
- Campos, H.M.; Schamm, V.T.; Nogueira, M.J. *Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*. Saúde debate, Rio de Janeiro. 37, p.336-346. (2013).
- Carvalho, M.E.P. (2004). *Modos de educação, gênero e relações escola-família*. Cadernos de pesquisa. São Paulo. v. 121, n.34, p.41-58. abr. 2004.
- Cassarín, N.E.F.; Ramos, M.B.J. *Família e aprendizagem escolar*. Revista Psicopedagogia. São Paulo. 74, p.182-201. 2007.
- De cicco, R.R.; Vargas, E.P. *Diversidade sexual, gênero e novas formas de organização da família: questões para o ensino e a comensalidade*. Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde, 11, p. 539-557, (2016).
- Fontoura, H.A. *Formação de Professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa*. 1ª ed. Niterói: Intertexto Editora e Consultoria. 2011.
- Junqueira, R.D. *Pedagogia do armário: A normatividade em ação*. Revista Retratos da Escola. Brasília, 13, p.481-498, jul. 2013.
- Louro, G. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes. 1998.



Magalhães Moreira, N.L. *Discriminação racial e de gênero: desafios de jovens adolescentes negras no espaço escolar*. Revista Fórum Identidades. Itabaiana. Gepiadde. n.10, v.10, p. 77-93, 2011.

Nicodemos, P.A. *Adolescentes negros de elite em uma escola da rede particular de Belo Horizonte-MG/Brasil: limites e possibilidades para a construção de identidades etnicorraciais*. Educere et Educare. Paraná. Unioeste. 17, p.115-126. 2014.